

Elementos de contabilidade na obra 'O Egípcio' de Mika Waltari

Carlos Alberto Serra Negra

A análise literária de uma obra supõe não somente o entendimento da história, mas também a verificação de seu conteúdo, discurso e contextualização sob vários aspectos, tais como temporalidade, temas, sequência, signos e categorias. O objetivo deste artigo é mostrar elementos de Contabilidade na obra 'O Egípcio', de autoria de Mika Waltari, e contextualizá-los na sociedade da época e na atual. As contextualizações dos elementos contábeis foram realizadas levando-se em consideração a Contabilidade Egípcia de mil anos antes de Cristo. A metodologia da pesquisa consistiu basicamente de análise de conteúdo, com procedimentos de pesquisa bibliográfica, caracterizando um estudo qualitativo. O corpo do texto possui duas grandes estruturas: a primeira mostrando elementos biográficos do autor e literários da obra; e a segunda evidenciando elementos de Contabilidade.

O caminho percorrido pelos pesquisadores sobre a História da Contabilidade ainda continua sendo um desafio metodológico e, ao mesmo tempo, apresenta uma série de fatos e fenômenos a serem descobertos. A Contabilidade se manifestou em todos os povos do mundo e em todos os tempos da história do homem. Por esse motivo, as descobertas da chamada Arqueologia Contábil ainda estão presentes nas pesquisas contábeis.

De acordo com Schmidt (2000) estudar a História do Pensamento Contábil é fundamental para a compreensão da Teoria da Contabilidade. O acesso à análise e a interpretação da evolução do pensamento contábil, que sempre esteve atrelada ao desenvolvimento político, econômico e social do homem, permitem aos estudiosos maior fundamentação em suas investigações sobre o processo das heranças intelectuais deixadas pelos principais teóricos do passado.

A análise literária de uma obra supõe não somente o entendimento da história, mas também a verificação de seu conteúdo, discurso e contextualização sob vários aspectos, tais como temporalidade, temas, sequência, signos e categorias.

A edição do romance 'O Egípcio', de autoria de Mika Waltari, utilizada para este trabalho, é o volume de número seis da terceira série dos Grandes Romances Históricos da Coleção Cores do Tempo Passado. A tradução é de José Geraldo Vieira, com impressão na Editora Gráfica

Lithera para a Editora Itatiaia de Belo Horizonte (MG), e se baseia na versão da edição norte-americana The Egyptian.

'O Egípcio' é a reconstituição de uma era até hoje pouco devassada pela ficção ou pela própria história e, como tal, acaba por ter pressupostos de acontecimentos sem as devidas comprovações. Outras, ao contrário, estão baseadas em fatos que a história, de alguma forma, registrou. A trama se passa no Egito mil anos antes de Cristo e abrange o mundo conhecido de então. O romance foi escrito como narrativa e esta compete a Sinuhe, médico do faraó Akhmaton, descrevendo a história de sua vida. Desfilam pela obra inúmeros personagens como Horemheb, o general do faraó; Minéia, a virgem devotada aos deuses; Nefertiti, a irmã do faraó; e Kaptah Kaketamon, o escravo do médico, que com argúcia, malícia e inteligência aprende a arte de comercializar, aumentar a riqueza e relatar como foram os registros contábeis do seu senhor e amo.

O romance mistura intriga, guerra, paixão, amor e luta religiosa, que são contados enquanto Sinuhe vai revelando sua trajetória de vida, ora radiante, ora desesperançada, evidenciando aspectos econômicos, sociais e políticos do Egito daquela época.

Os profissionais contábeis que iniciam a leitura de 'O Egípcio' adquirem, de imediato, duas experiências: a fantástica história do Egito antigo e como transpassam, pela narrativa, fazendo fundo de contexto,



as práticas comerciais e de contabilidade utilizadas nesse país naquela época. Não há como deixar de comparar as práticas comerciais milenares com as dos dias atuais em termos de complexidade e de sua ligação com a Contabilidade. Os fragmentos retirados do texto do livro foram contextualizados neste trabalho, para melhor compreensão do leitor.

Uma das justificativas deste artigo se baseia na necessidade de que tal trabalho não consiste apenas na melhor compreensão dos fragmentos e suas contextualizações; torna-se necessário considerar que pouquíssimas obras ou textos publicados em português tratam da história antiga da Contabilidade e, mais especificamente, da egípcia. Para fundamentar as contextualizações dos fragmentos da obra, foi utilizado o trabalho desenvolvido pelo contador e professor Dr. José Paulo Cosenza.

A metodologia da pesquisa consistiu basicamente de análise de conteúdo, com

procedimentos de pesquisa bibliográfica, caracterizando um estudo qualitativo. O tratamento da informação do ponto de vista metodológico foi a sequência em que os fatos são relatados na obra, não existindo vínculos diretamente com uma cronologia, categoria e áreas temáticas. O romance, com 543 páginas, está dividido em 15 capítulos intitulados Livros, cujos títulos são: Livro I – O Barco de Verga; Livro II – A Casa da Vida; Livro III – A Febre de Tebas; Livro IV – Nefernefernefer; Livro V – Os Cabírios; Livro VI – O Dia do Falso Rei; Livro VII – Minéia; Livro VIII – A Mansão Escura; Livro IX – A Cauda do Crocodilo; Livro X – A Cidade Celestial; Livro XI – Mérito; Livro XII – O Relógio de Água Mede o Tempo; Livro XIII – O Reino de Aton na Face da Terra; Livro XIV – A Guerra Santa; e Livro XV – Horemheb.

O objetivo deste artigo é mostrar elementos de Contabilidade na obra 'O Egípcio', de autoria de Mika Waltari, e contextualizá-los na sociedade da época e/ou na atual.

Elementos biográficos e literários

Mika Waltari nasceu em Helsinque, na Finlândia, no ano de 1908. Filho de Toimi Armas Waltari e Olga Maria Johansson. Seu pai foi pastor e professor e faleceu quando ele tinha cinco anos de idade. Teve dois irmãos que cresceram juntamente com ele e sua mãe, que trabalhou como funcionária pública para sustentar e educar a família.

Entre as recordações mais fortes de sua infância estão a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Civil Finlandesa, ambas levando muito sofrimento ao seu povo.

Atuando em movimentos literários do início da década de trinta do século dezenove, Waltari se transformou, no passar dos anos, de liberal para radical esquerdista e em 1937 já era um ultra-conservador tanto que em sua comédia teatral denominada Kuriton Sukupolvi, ele ridiculariza sua geração.

Waltari foi um profícuo escritor finlandês conhecido por suas novelas históricas. Suas obras foram traduzidas para mais de trinta idiomas. É considerado um dos melhores escritores finlandeses do século vinte.

Percebe-se que os valores humanos, em um mundo materialista, constituem temas constantes em suas obras, que também possuem fortes traços de pessimismo e opiniões sobre o Cristianismo.

Ainda como estudante, Waltari começou a escrever para a Revista *Ylioppilashetki*. Seus primeiros passos na literatura foram poemas e historietas. Seu primeiro livro, intitulado *Jumalaa Paossa*, apareceu em 1925.

Em 1927, viajou para Paris, onde no Hotel de Suède escreveu sua primeira novela intitulada *Suuri Illusioni* (A Grande Ilusão, 1928), que se transformou em intérprete dos sentimentos de uma nova geração. Esta obra relatava a vida jovem e boêmia de Helsinki e foi rapidamente traduzida para o sueco, norueguês e estônio.

Mika Waltari começou seus estudos em Teologia na Universidade de Helsink, mas logo, contrariando os desejos de sua mãe, dedicou-se à Filosofia e à literatura, formando-se em 1929.

Em 1931, casou-se com Marjatta Luukkonen com a qual teve uma filha que também se tornou escritora.

Nessa época se converteu em um dos líderes do movimento liberal e radical chamado 'Os Condutores da Rocha' cujos membros trataram de introduzir a influência do futurismo russo e italiano na literatura finlandesa.

Entre os anos de 1929 e 1939, viajou muito pela Europa tendo uma ampla publicação de textos, histórias e livros. Durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou no Centro de Informação Governamental e, nesse período, escreveu quatro livros.

Nas décadas de 30 e 40 do século vinte, mesmo eclodindo a Segunda Guerra Mundial, Waltari trabalhou em vários

periódicos e revistas europeias, atuando como crítico literário, escritor e chegando a ocupar o cargo de sub-editor.

Escritor de grande talento, Waltari saltava de um campo literário a outro, facilmente. Escreveu novelas de mistério, poemas, histórias curtas, ensaios, contos de fadas, livros de viagem, peças de teatro e memórias.

Entre os anos de 1957 a 1978, Mika Waltari, merecidamente, ocupou uma das cadeiras da Academia Finlandesa de Letras.

Sua grande produtividade provocou mazelas em sua saúde. Waltari sofria de insônia e bebia muito, tendo sido internado em várias ocasiões. O escritor morreu em Helsinki no dia 26 de agosto de 1979.

No Brasil, a Editora Itatiaia de Belo Horizonte foi responsável pela tradução de seus mais importantes romances, como: o *Segredo do Reino*, *Renegado*, *O Romano*, *O Aventureiro*, *O Anjo Negro*, *O Etrusco* e o excepcional 'O Egípcio', que é tratado neste trabalho.

Elementos de contabilidade no livro 'O Egípcio'

A sequência dos fragmentos escolhida, após análise de conteúdo, são os transcritos, que se encontram separados pelos capítulos do livro que a eles deram origem. A ideia de contextualização é atemporal, isto é: ora se mostra como era naquele tempo, ora se mostra com relação ao tempo atual, para evidenciar a riqueza de informações e a complexidade, mesmo naquela época, de certas operações comerciais e seus reflexos nos conhecimentos contábeis.

Livro II – A Casa da Vida

Que as ciências da matemática e da astronomia estivessem subordinadas aos sacerdotes se compreende; mas quando se tratava de ensino jurídico

e comercial se levantava nas mentes das mais alertas classes educadas o receio de que os sacerdotes se estavam imiscuindo em questões que apenas concerniam ao faraó e ao departamento de imposto (p. 35).

Neste primeiro trecho retirado do livro é discutido o ensino, quer da Contabilidade, quer de outras ciências. O ensino era ministrado pelos templos religiosos e por algumas instituições não oficiais do antigo Egito. Cosenza (2002) relata, baseado em obras de Wolf (1934) e Durant (1944), que grande número de estudantes do templo passava para a Escola Superior do Estado, onde, como jovens escribas, eram iniciados na Administração e na Contabilidade.

Em face das penosas dificuldades para chegar ao cargo de escriba e da necessidade que o estado e particulares tinham desse tipo de funcionário, essa função alcançou um nível social bem elevado, a ponto de alguns chegarem a ser conselheiros dos faraós.

Livro V – Os Cabírios

Não o gastei nem joguei fora, apliquei-o entre os comerciantes de Esmirna. Estes tinham navios que iam até ao Egito e às ilhas do alto mar e à terra de Hati; assim eu tinha interesses e cotas nos lucros de uma frota de muitos barcos – uma centésima ou quinquagésima parte, conforme os meus meios então. Algumas embarcações não eram vistas nunca mais; a maioria, porém, voltava, e meus lucros então – o dobro ou triplo do que eu arriscava – eram inscritos nos livros de contabilidade. Este era o costume da Síria e de todo desconhecido no Egito. (p. 122).

Neste fragmento aparece, pela primeira vez na obra, o termo Contabilidade em seus aspectos de análise interna e externa. Do ponto de vista de análise interna, percebe-se que mesmo naquela época já se via uma das finalidades da Conta-

Do ponto de vista de análise interna, percebe-se que mesmo naquela época já se via uma das finalidades da Contabilidade, que é a apuração de resultados, isto é, a apuração do lucro mediante a movimentação da riqueza.

bilidade, que é a apuração de resultados, isto é, a apuração do lucro mediante a movimentação da riqueza.

Do ponto de vista de análise externa nota-se a existência de livros de assentamentos de registros contábeis, que mais tarde serão reconhecidos como diários, e a comparação entre a Contabilidade realizada no Egito e na Síria, mostrando que a Contabilidade síria era mais completa e complexa. Em outros trechos essa assertiva tornará a ser mencionada.

Assim que cheguei coloquei o ouro todo numa grande companhia comercial, trocando-o por lousas de greda bem mais garantidas de transportar, pois nada podiam servir para os ladrões. (p. 144).

Nesta afirmativa percebe-se a aplicação de recursos em empreendimentos tidos como grandes na época. Ainda fica evidenciado que livros e documentos comerciais já eram obrigatórios no Egito, conforme comprovado também pelas pesquisas de Schmidt (2000). Lousas de Greda era um contrato escrito sobre uma rocha metamórfica.

Livro VI – O Dia do Falso Rei

Em lugar de furtar mais do que antigamente cuidei, isso sim, de zelar por sua casa e por seus bens. E a tal ponto que ao regressar vai ver logo como está mais rico do que quando partiu. (p. 146).

Esta assertiva, feita por Kaptah, escravo de Sinuhe, este o protagonista da história, evidencia a existência de controles de estoques e bens e uma maneira de apurar seu inventário existente no Egito, pois do contrário não haveria como conhecer a situação de riqueza maior no tempo decorrido entre a partida e o retorno. Conhecimentos acerca de controle de estoques e inventário são, sem sombra de dúvidas, conhecimentos contábeis há muito adquiridos pelos escribas dos templos, do estado e das pessoas mais ricas de sociedades bem evoluídas, mesmo mil anos antes de Cristo.

Eu dispunha de bastante ouro, pois me bastava ir buscá-lo nas firmas bancárias anexas ao templo. (p. 154).

Este trecho mostra a existência de empreendimentos com cunho de atividades bancárias, o que leva a crer na necessidade de escribas também nestes locais, e ressalta a localização perto dos templos em virtude de pessoal especializado (escribas) e segurança, já que não havia roubo em templos, mas somente em residências e viagens. Apresenta o ouro não como moeda, mas como ativo de aplicação ou ativo de segurança. Algo bem parecido com o hedge atual.

Livro VII – Minéia

Também nós podemos ler, escrever e acumular lousas de greda numeradas e numerosas em nossos arquivos. (p. 201).

Este trecho relata a experiência de Kaptah, escravo de Sinuhe, que na ausência do amo aprende a arte de comercializar, investir e ler contratos e demonstrações contábeis existentes na época.

Livro VIII – A Mansão Escura

O meu intendente lá no porto anda se queixando que as minhas rendas já não cobrem as minhas despesas.

Ou terá ele dito o contrário? Não me lembro bem porque não sei fazer nenhuma dessas contas complicadas que ele constantemente me apresenta, enfadonhamente. (p. 214).

Neste fragmento verifica-se a impossibilidade dos leigos em contabilidade em conseguir entender o mecanismo de apuração de resultado, bem como os itens que dão a sua formação como compra, venda, precificação e o confronto entre rendas e despesas.

Escrevi pois uma importância sobre a tábua de greda e a garanti com meu sinete sírio para que tenhas meios de te transportar para a Síria e possibilidade de retirar quantias dos atacadistas e armadores de Esmirna (p. 232).

De acordo com Schmidt (2000) na Síria foram encontradas evidências de registros de inventários de metais preciosos, joias e outros objetos. A expressão 'tábua de greda' aqui não se refere à madeira, mas à lousa, isto é, à Greda, que é um "calcário friável que, em geral, contém sílica e argila". (FERREIRA, 1999).

Livro IX – A Cauda do Crocodilo

Em seguida fui visitar as casas comerciais onde colocara meus fundos monetários. (p. 243).

Nesta assertiva percebe-se a movimentação de recursos para investimento e aplicações. Há milênios o homem aplica seu excedente de produção em outros negócios. Os fundos monetários são, portanto, aplicações com destinações específicas, sendo as mais comuns naquela época a criação de gado, a plantação de trigo e o financiamento das navegações para a exploração econômica de novas regiões.

Ainda assim me prestaram contas escrupulosamente de tudo e, não obstante o naufrágio de alguns navios e a perda de minha parte

correspondente, a navegação e o comércio dos demais tinham sido bastante prósperos. (p. 243).

Aliada à condição do contador de produzir informações úteis aos usuários da Contabilidade para tomada de decisões (Marion, 1989), é também objetivo precípuo da Contabilidade a prestação de contas em determinados momentos aos donos da riqueza. É sobre esses aspectos que o trecho anterior se refere à verificação da riqueza de Sinuhe.

Dize-me, porém agora, de que forma aplicastes os meus bens para que me rendam. (p. 269).

Nesta frase aparecem, novamente, os aspectos de investimento de bens para a geração de renda. É interessante que naquela época já se separavam as receitas (de vendas) das rendas (de aplicações), que exigiam contabilização individualizada nos livros contábeis.

O único intuito razoável que há em juntar ouro está na possibilidade de pô-lo a render. (p. 270).

Outra frase que mostra a utilização do metal precioso – ouro – como forma de investimento e de geração de rendas:

As escrituras esperam apenas a sua assinatura e seu sinete para serem válidas. (p. 271).

A aposição do sinete num documento significava dar credibilidade ao mesmo. O sinete é um utensílio gravado em baixo ou alto-relevo utilizado para imprimir em documentos assinaturas, monogramas, brasões, marcas, etc. de uma pessoa ou instituição. (FERREIRA, 1999).

Cada verão partem navios para as rotas comerciais e durante o ano seguinte pelo menos dois de cada dez navios regressam com o atraso, no máximo de horas. Isso me habilita a fixar compromissos, preços e lucros. (p. 280).

Este fragmento chama a atenção para a ação do tempo no estabelecimento de preços e nas condições climáticas,

como fator de interferência nos lucros. Mesmo nos dias atuais essas condições são sempre levadas em consideração pelos mercados, competitivos ou não. O estabelecimento de preço e lucro é do dono da riqueza ou proprietários, mas cabe à Contabilidade explicitá-los de forma numérica, quer através da expressão do valor, quer através de números que identificam sua dinâmica.

Livro XI – Mérito

Fizera o possível para coletar fundos para sua construção e embelezamento. (p. 322).

Esta frase volta a mencionar a necessidade da criação de fundos com destinações específicas. A contabilidade de alguns países não trabalha na formação de fundos de capital com tais destinações. Um exemplo dessa situação no Brasil é a utilização da depreciação como forma de benefício fiscal. As empresas contabilizam a depreciação levando-a em contas de resultados como custo ou despesa, mas não criam nenhum fundo monetário de depreciação. Dessa forma, quando terminar a vida útil do bem, não haverá recursos financeiros (dinheiro) para a aquisição de novo bem. Se houvesse a criação do Fundo de Depreciação, o parque industrial brasileiro certamente estaria com máquinas mais modernas.

Sinuhe, meu senhor e meu patrão, confio que haja examinado detidamente todos os relatórios e contas que mandei os escribas tirarem e que têm sido despachados para sua casa em Akhetaton todos estes anos. (p. 336).

De acordo com Cosenza (2002) o Egito dispunha de uma burocracia composta por uma grande quantidade de funcionários com a função de controlar o patrimônio real e os patrimônios particulares, conhecidos como 'escribas'. Para ingresso nesse cargo, era exigido treinamento específico tanto na aprendizagem

prática como na intelectual, visando a conhecimentos das artes dos escribas, ou seja, a Contabilidade.

Talvez consinta que eu mande pôr na rubrica despesas a conta desse jantar bem como a dos "rabos de crocodilos" (bebida – Nota do Autor) que, em minha grande alegria, ofereci aos fregueses presentes. (p. 336).

Já existiam claras noções entre custos e despesas no Egito de mil anos antes de Cristo. Nesta frase é solicitada a Sinuhe a alocação de jantar e das bebidas como despesa. Nota-se que o princípio da entidade não era e não foi obedecido. A escrituração das riquezas particulares, em se tratando de despesas e custos, era feita em uma única contabilidade. Somente muito mais tarde, em 1494, quando Frá Luca Pacioli descreve o método das Partidas Dobradas, é que ele manda contabilizar, separadamente, as despesas do empreendimento das despesas pessoais do dono ou família.

Será tudo em sua vantagem, pois tenho as maiores dificuldades em enganar o departamento de impostos do faraó. (p. 336).

A convivência de profissionais contábeis com o proprietário em detrimento ao fisco é bem antiga. Nesta frase, que não será única no romance, aparece a figura da sonegação fiscal em detrimento da riqueza do proprietário. De certa forma, a história sempre provou abusos na cobrança de impostos e sua indevida utilização e, talvez por isso, sempre houve o pensamento da sonegação de impostos. O assunto, além de remeter a preceitos éticos na profissão do contador, deve também ser visto da forma jurídica ou legal.

Tenho lido os relatórios e as contas; todavia devo confessar que entendo pouco, pois contêm tamanha quantidade de números e figuras que a minha cabeça começa a estalar antes mesmo que eu chegue ao fim das somas. (p. 337).

Este trecho novamente vem falar da dificuldade dos usuários em entender os mecanismos e as demonstrações geradas pela Contabilidade. Essa dificuldade não se reporta somente aos dias atuais, mas historicamente sempre foi problema para os leigos. É importante observar também que o que aqui se denomina apenas como conta se refere às contas contábeis, mostrando que essas são muito antigas e são elas que espelham a qualidade e quantidade de determinado patrimônio.

Tive que contratar dois guarda-livros sírios para lidar com livros especiais em benefício deles, pois ninguém, nem mesmo Set, é capaz de entender patavina de contabilidade Síria. (p. 338).

Neste opúsculo, bem provavelmente a expressão guarda-livros tenha sido cunhada com a ideia das atividades do contador na época em que Mika Waltari escreveu o romance, e não como eram chamados os contadores do Egito antigo. Estes, naquela época, eram conhecidos apenas como escribas. Outra vez, faz-se alusão de que a contabilidade dos sírios seria melhor que a dos egípcios. A expressão 'livros especiais' tem o significado, segundo alguns historiadores contábeis, de livros gerenciais, ou mesmo da escrituração do caixa dois.

O patrão possui tudo isso, embora não o saiba porque fui compelido a abrir contas em nome de criados e escribas para evitar impostos. (p. 338).

O que causa espanto é que naquela época já se trabalhava com o que é hoje conhecido como derivativos, ou seja, um ativo que depende de outro ativo.

Este trecho traz de volta a discussão da sonegação de impostos; todavia, agora tentando mostrar como se fazia a sonegação naquela época, ou seja, abrindo contas em nomes de outras pessoas para escapar à fiscalização. Este mecanismo como forma de fraudar o fisco ainda é utilizado por muitos comerciantes.

O trigo é um negócio formidável por que pode ser vendido e comprado antes mesmo de ser semeado. (p. 338).

Nesta frase o que causa espanto é que naquela época já se trabalhava com o que é hoje conhecido como derivativos, ou seja, um ativo que depende de outro ativo. Estas operações, no Brasil, são realizadas na Bolsa de Mercadorias e Futuros por meio de contratos dos tipos futuro, a termo e swap.

Contudo, nenhum homem aventura tudo quanto tem num único lance; de modo que espalhei nossos lucros constantes em muitos empreendimentos. (p. 338).

Neste trecho evidencia-se a lógica financeira de não aplicar tudo num único investimento, mas diversificá-los para garantir lucratividade dos recursos. Aplicar os lucros na própria empresa, ou em outras, é decisão do administrador, mas esta deve estar fundamentada nas informações contábeis.

Cumpra que entenda, patrão, que quando falo em lucros me refiro a lucros líquidos, a tudo quanto ficou depois das taxas e dízimos. (p. 339).

É interessante o tratamento da informação contábil dada a Sinuhe por Kaptah, seu escravo e contador, neste trecho da obra. Verifica-se o entendimento de várias formas de lucros e a necessidade de apuração de lucro líquido como base de mensuração de resultado.

Tive também que deduzir certos donativos para os funcionários do fisco, por causa da minha contabilidade à maneira Síria. (p. 339).

Outra vez há referências ao modo de escrituração entre os egípcios e os sírios. Evidencia-se a prática de propina e sua escrituração nos livros à maneira síria, diferente da adotada no Egito. Cosenza (2002) já advertia que os registros contábeis dos egípcios eram bem prolixos e complexos, mais voltados para os inventários e controle de bens, tanto móveis como imóveis. Ora se utilizavam contas simples, ora contas duplas, e a maneira síria já era uma contabilidade por partidas dobradas.

Esta distribuição de trigo entre os pobres é também um excelente golpe comercial, visto como o faraó em sua loucura permite que se abata nos impostos o trigo assim distribuído. (p. 339).

Este trecho destaca o mecanismo de abatimento de determinadas rubricas sobre os impostos, prática até hoje adotada no mundo inteiro.

Sempre que dou uma medida de trigo a um pobre, obrigo-o a certificar com sua impressão digital que recebeu cinco medidas, pois os pobres não sabem ler. (p. 339).

Nesse fragmento é possível verificar outra forma de sonegar imposto além da abertura de contas em nome de outros. É mostrada a supervalorização das despesas para diminuir o imposto a pagar.

Livro XII – O Relógio de Água Mede o Tempo

Mais uma vez Kaptah prestou contas de minha riqueza. (pág. 403).

Esta frase vem confirmar, mais uma vez, a necessidade que existe de a contabilidade ser um mecanismo ou sistema de prestação de contas a qualquer tempo e momento. De acordo com Cosenza (2002) o progresso do povo egípcio na escrituração de contas foi tão marcante a ponto de já utilizarem o princípio do Denominador Comum Monetário

(registrando os fatos contábeis com base no valor da moeda vigente à época, o shat) e estabelecerem contas de provisão, além de elaborarem prestação de contas dos resultados das operações.

Livro XIV – A Guerra Santa

Seus escribas liam, escreviam e faziam lançamentos de imensas importâncias. (p. 536).

De acordo com as pesquisas de Cosenza (2002) aos escribas cabia o conhecimento de importantes funções administrativas e contábeis nos dois maiores patrimônios dos egípcios: a azienda real ou fiscal e a azienda do templo, havendo três classes distintas de escribas:

1) Escribas agrários: eram responsáveis pela escrituração das contas de cereais e do gado recebido por tributos ou arrendamento do campo.

2) Escribas de depósito: tinham a atribuição de receber, escriturar e controlar o trigo que ficava nos armazéns destinados à moagem e panificação.

3) Escribas de tesouraria: eram encarregados das recepções, anotação e vigiância dos bens obtidos a título de trocas, tributos ou espólio de conquistas bélicas (metais, joias, perfumes, incenso, etc.).

Kaptah custeou as despesas dessa estátua também. (p. 536).

Nesta frase a expressão 'custeou' chama a atenção porque de certa forma fica comprovada a utilização da Contabilidade de Custos entre os egípcios. A diferenciação entre custos e despesas é percebida pelos níveis de realização das operações comerciais da época relatadas em todo o romance como pano de fundo das intrigas, guerras e amores.

A ciência não se inclina diante do poder. (p. 539).

Finalizamos a contextualização dos fragmentos do romance com uma frase que espelha, muito bem, a posição de

qualquer ciência e principalmente das ciências contábeis, que tem como pilar servir ao social e não ao poder, qualquer que seja sua manifestação.

Conclusão

O romance 'O Egípcio', de Mika Waltari, vai além da literatura e mostra uma riqueza de pesquisa histórica fora do comum. Evidencia aspectos da contabilidade do povo egípcio de maneira incomum, com maestria e veracidade.

É bem provável que na contextualização dos fragmentos escolhidos na obra houvesse necessidade de se aprofundar em determinadas situações com mais explicações, ou que outros pesquisadores contextualizassem de forma diferente, e esta é a vantagem deste tipo de metodologia. Na pesquisa qualitativa não existe o certo ou o errado, existe a interpretação do autor.

Por exemplo, Cosenza (2002) em suas pesquisas sobre História da Contabilidade, em se tratando de Contabilidade egípcia, revela que era registrada em papiros e estava voltada principalmente à administração pública. Ora, não havendo como estabelecer uma relação temporal entre as pesquisas de Cosenza e as relatadas na obra de Mika Waltari, podemos estar falando de coisas diferentes em tempos diferentes, mas se o tempo for o mesmo, alguma coisa historicamente estaria em desacordo, pois Cosenza fala em papiro e o romance, em tábuas ou pedras de greda.

Outra situação espelhada de maneira análoga é que Cosenza afirma, baseado em Estrada (1977), que o campo de aplicação da Contabilidade se restringia aos templos e que até agora não foram encontrados vestígios de escrituração contábil privada no período faraônico. Segundo esse autor, tal fato ocorria, em parte, porque o comércio interno era reduzido a poucas operações de varejo, e à vista, que não exigiam do

pequeno comerciante o uso de contas, muito menos a utilização dos serviços de um escriba, que tinha um custo bem elevado à época. Discordo de tal assertiva uma vez que os livros de história geral sempre mostraram um grande comércio no período faraônico, o que destruiria a tese de pouca movimentação comercial antes alegada.

O certo é que fica, em se tratando de um romance, a indagação: até que ponto uma informação é ficção ou um fato? É sabido que a fórmula de sucesso para escrever um best-seller é mesclar realidade com ficção a ponto de não saber distinguir uma da outra.

Outra dúvida que vai instigar muitos profissionais contábeis é até que ponto um romance é base para discutir aspectos técnicos de uma ciência. Acredito que os textos revelam mais que as palavras, revelam conhecimentos escondidos por gerações, opiniões e reconstrução de fatos e realidades pelo uso da razão.

Como é bem explicitado por Sá (2006), para se edificar uma ciência, é preciso que se construam teorias, e isso ocorre quando se busca a verdade, assim também como a explicação de por que as coisas existiram, existem, acontecem ou poderão acontecer. ■



Carlos Alberto Serra Negra – Mestre em Contabilidade pela FVC. Membro da Academia Mineira de Ciências Contábeis. Professor e Pesquisador do Unileste, MG.

REFERÊNCIAS

- COSENZA, José Paulo. As Práticas Contábeis na Pré-História e no Antigo Oriente. *Revista de Contabilidade do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CRCRS, n. 110, novembro de 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio Século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- MARION, José Carlos. *Contabilidade Empresarial*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- SÁ, Antônio Lopes de. *Teoria da Contabilidade*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- SCHMIDT, Paulo. *História do Pensamento Contábil*. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- WALTARI, Mika. *O Egípcio*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.